

EFEITOS PSICOSSOCIAIS DA PANDEMIA DE COVID-19 NA SAÚDE DAS MULHERES NA ATENÇÃO BÁSICA

AMANDA ALECRIM DA ROCHA CERQUEIRA RÔDE^{1,2*}, FRANCISCA MAYARA SOARES GAMA³, PRISCILA PAVAN DETONI^{2,4}

1 Introdução

As mulheres são uma parcela da população vulnerabilizada em âmbitos de saúde física e psicológica, pelo histórico de inequidades de gênero que resultam em sobrecarga de trabalho, vivências de violências e desigualdade socioeconômica (MOREIRA et al., 2020). Durante a Pandemia os problemas preexistentes se acentuaram à medida que essas mulheres tiveram seu espaço de convivência limitado à casa. Ainda que algumas mulheres se mantivessem em regime de trabalho à distância, os afazeres domésticos como cuidados com a casa e os(as) filhos(as) acabaram por se misturar a rotina de trabalho, criando um único ambiente conflituoso e estressante que resultou na sobrecarga, quadros de ansiedade e depressão, além de intensificarem casos de violência doméstica e familiar (STREIT et al., 2021).

2 Objetivos

A presente pesquisa teve como objetivo conhecer os efeitos psicossociais da Pandemia de COVID-19, através de itinerários terapêuticos das mulheres na busca de cuidados em saúde nos espaços da Atenção Básica em Saúde (ABS). Trata-se de um estudo de análise qualitativa, o que possibilita a compreensão das relações humanas e sua subjetividade, com utilização da ferramenta do ecomapa.

3 Metodologia

1 Graduanda de Medicina, Universidade Federal da Fronteira Sul, *campus Passo Fundo*, contato: amandarode@hotmail.com, Bolsista do Projeto.

2 Grupo de Pesquisa: Grupo de Estudos e Pesquisa Interdisciplinares sobre Saúde, Mulher e Gênero (GEPISMUG) da UFFS

3 Graduanda de Medicina, Universidade Federal da Fronteira Sul, *campus Passo Fundo*, contato: mayaragama.tbm@gmail.com, Voluntária do Projeto.

4 Psicóloga, Mestre e Doutora em Psicologia Social e Institucional pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS); Pós-doutoranda em Antropologia Social (UFRGS); Docente na Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS) Campus Passo Fundo/RS, **Orientador(a)**.

A pesquisa possui delineamento qualitativo através da análise temática (MINAYO, 2014) dos itinerários terapêuticos e ecomapa dos serviços foram ferramentas importantes na construção científica da pesquisa, pois proporcionaram conhecer os padrões das redes de cuidado das usuárias. Foram entrevistadas 16 mulheres que acessaram a ABS através de ESF dos seus territórios nos anos de 2022 e 2023, através de um questionário semiestruturado e um sociodemográfico, mediante a aceitação do termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE). O estudo foi aprovado de acordo com a Resolução nº 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde, via Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal da Fronteira Sul (CEP-UFFS), número do parecer: 5.320.334.

A média de idade entre as entrevistadas foi de 48,31 anos, sendo que a maioria (37.5%) estão na faixa etária de 31 a 50 anos. Quanto à autodeclaração de cor, 14 se declararam brancas, 1 negra e 1 parda. A escolaridade das entrevistadas era baixa, apenas 1 estava com o ensino superior em curso, 4 com o ensino médio completo, e o restante estudou até o ensino fundamental. As ocupações profissionais variaram: 4 eram aposentadas, 5 do lar, 3 trabalhadoras formais (gerente comercial, serviços gerais em escola, operadora de máquinas), 2 autônomas (artesãs). Sobre o estado civil, 12 das entrevistadas eram casadas, 2 em união estável e 2 solteiras.

4 Resultados e Discussão

As temáticas relacionadas à Pandemia carregam ansiedade, medo e estresse, especialmente nas entrevistas realizadas no ano de 2022, de acordo com outros estudos foram um dos componentes principais do adoecimento mental durante o distanciamento físico (BEZERRA et al., 2020). Além do prejuízo psicossocial, o isolamento social, também contribuiu para o surgimento ou evolução de doenças cardiovasculares e metabólicas, já que a prática de atividade física diminuiu e o consumo de alimentos processados e ultraprocessados aumentou (MALTA et al., 2020). Uma usuária relatou o medo e o estranhamento em atividades que anteriormente eram comuns, além da falta de ar que a deixava confusa sobre sua causa, se por ansiedade ou por sintomas do COVID-19. Essa usuária procurou atendimento médico particular e retirou a medicação prescrita pelo Sistema Único de Saúde (SUS) e referiu melhora dos sintomas, concluindo que parte seriam do COVID-19 e parte da ansiedade que sentia por ficar em casa e pelo medo em torno da doença. Outra entrevistada se

mostrou insatisfeita com suas relações sociais anteriores à Pandemia, e quando, durante o distanciamento físico, foi orientada a redobrar o cuidado, devido a sua baixa imunidade, essa situação piorou e ela ficou ainda mais afastada das relações de suporte social, mesmo com o advento da vacinação e ressocialização posterior.

A descrença de parte da população, e o efeito das “*fake news*”, inclusive sobre a veracidade do vírus também teve sua influência nos itinerários das usuárias, uma delas relatou a necessidade de sair temporariamente da cidade onde residia para ir a um sítio por conta do descrédito do marido na doença. Por conta disso ela precisou se mudar, e acessar os serviços de saúde em uma outra UBS do município, mudando drasticamente de espaço ainda que se mantivesse na rede do SUS. A usuária também descreveu os cuidados com o marido, dependente químico, como responsável por levá-lo a consultas, grupos, e também pelos cuidados domésticos com sua saúde e com a casa, evidenciando a sobrecarga física e mental, bem como outras usuárias entrevistadas.

No decorrer das entrevistas, percebeu-se a regularidade com que o tema da sobrecarga do trabalho doméstico apareceu quando todas entrevistadas foram questionadas sobre sua situação ocupacional, ainda que parte delas também estivessem em atividade laboral fora do meio doméstico, como trabalho de faxina em outras casas, aposentadas da agricultura ou trabalhadoras da indústria local. A administração da casa, filhos/as, parceiro e outros familiares dependentes somaram as responsabilidades que tornam a rotina diária agravante da saúde física e mental, principalmente pelo fechamento de redes de apoio como escolas, creches e espaços de lazer, que fizeram com que elas adicionaram ainda mais atividades laborais, mas não remuneradas a suas vidas (SILVA et al., 2020). Nos relatos recorrentes com essa temática, nenhuma participante citou ajuda ou divisão de atividades com seus parceiros ou filhos adultos, reforçando o fator de sobrecarga e solidão na realização dessas atividades.

Uma das entrevistadas discorreu sobre o surgimento de um quadro depressivo, e o agravamento após o parto de sua única filha e durante a Pandemia. Ela relatou que a infecção pela COVID-19 provocou sintomas persistentes que a afastaram do emprego que ela estava começando na indústria alimentícia, a mantendo em regime único de trabalho doméstico, e com a intensificação do transtorno depressivo-ansioso, por isso, procurou ajuda psicológica na

ESF de referência, atitude repreendida pelo seu parceiro que discordou dos cuidados em saúde mental, exceto o uso de medicação.

Além disso, nas entrevistas houve queixas de perda de memória, alterações de cognição e fadigas relacionadas ao Pós COVID-19, e se faz necessário o questionamento acerca da real causa desses sintomas, se também são parte advindos do estresse causado pelo afastamento social e sobrecarga doméstica. Esse conjunto de sintomas após a infecção compõe a síndrome Pós COVID-19, sendo a fadiga o de maior prevalência, com 15-87%, seguidos de dispneia 10-71%, além disso, sintomas neuropsiquiátricos como a ansiedade/depressão, com 22-23% e perda de memória 18-23%, foram os mais recorrentes nos relatos, e requerem investigação clínica e tratamento, já que incide na qualidade e produtividade da população (BRASIL, 2022).

As redes de apoio formais como as instituições de cuidado à saúde tiveram sua importância reconhecida por muitas usuárias entrevistadas: as Estratégias em Saúde de Família (ESF), Hospitais de referência, Centros de Atenção Psicossocial (CAPS) foram citados e fundamentais no suporte social e de saúde para a população, conforme ecopama das usuárias. Destacaram-se também as redes informais, especialmente a igreja com forte ligação, que causavam bem estar, aumento na retomada do contato social, e diminuição da medicalização.

5 Conclusão

Evidenciou-se sobrecarga do trabalho das mulheres, parte da herança da divisão sexual do trabalho, e das marcas de classe e baixa escolaridade da maioria das usuárias entrevistadas nesta pesquisa. Suas famílias sofreram agravos com o negacionismo e o uso das redes sociais, sem referências técnicas. As principais redes de apoio, para lidar com os efeitos da Pandemia, das usuárias contava com vizinhos, igreja, grupos de caminhada das ESFs, e familiares. As atividades individuais também foram citadas como alternativas importantes de lazer durante o afastamento social, como o artesanato, a jardinagem e as caminhadas. A medicalização foi componente importante em todos os relatos, principalmente para sintomas de insônia e ansiedade. A ampla cobertura das ESF foi fundamental para a manutenção nos cuidados em saúde e a satisfação com a rede e os atendimentos prevaleceu nos relatos. As

limitações do estudo foram o viés de memória das entrevistadas, a cobertura completa da ESF no município e seleção por conveniência. Pretende-se dar seguimento aos estudos com as populações com sintomas da COVID Longa.

Referências Bibliográficas

BEZERRA, C. B. et al. Psychosocial impact of COVID-19 self-isolation on the Brazilian population: A preliminary cross-sectional analysis. **Saúde e Sociedade**, [s. l.], v. 29, n. 4, p. 1–10, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-12902020200412>

BRASIL. Ministério da Saúde. **Painel coronavírus: Covid-19**. 24 de Jun. de 2023. Disponível em: https://infoms.saude.gov.br/extensions/covid-19_html/covid-19_html.html Acesso em: 20 mai. 2023.

MALTA, D. C. et al. A pandemia da COVID-19 e as mudanças no estilo de vida dos brasileiros adultos: um estudo transversal, 2020. **Epidemiologia e serviços de saúde: revista do Sistema Único de Saúde do Brasil**, [s. l.], v. 29, n. 4, p. e2020407, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1679-49742020000400026>

MINAYO, M. C. de S. **O desafio do conhecimento**. Pesquisa qualitativa em saúde. SP: Hucitec, 2014.

MOREIRA, L. E. et al. Women in a pandemic context: A theoretical-political essay about house and warfare. **Psicologia e Sociedade**, [s. l.], v. 32, p. 1–19, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1807-0310/2020V32240246> Acesso em: 12 Mai. 2023.

STREIT, A. C. S. e S. et al. Pandemia da Covid-19: Perspectiva Feminina sobre o Isolamento Social. **Revista Psicologia e Saúde**, [s. l.], n. 51, p. 197–210, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.20435/pssa.v13i2.1561>

SILVA, J. M. S. et al. A Feminização do cuidado e a sobrecarga da mulher-mãe na pandemia. **Revista Feminismos**, [s. l.], v. 8, n. 3, p. 149–161, 2020. Disponível em: www.feminismos.neim.ufba.br Acesso em: 03 Fev. 2023.

Palavras-chave: Saúde da Mulher; Saúde Mental; Sobrecarga de Trabalho.

Nº de Registro no sistema Prisma: PES 2022-0265

Financiamento: FAPERGS